

XII SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA  
ISSN: 2317-0018  
Universidade Estadual de Maringá  
21 a 22 de Março de 2024

**O IMPACTO DO BOLSONARISMO NA CRIAÇÃO DE UMA SUBJETIVIDADE  
COLETIVA SERVIL**

Ayla Cecile de Amorim Vilas Boas (Departamento de Psicologia, Universidade Estadual de Maringá, Maringá-Paraná, Brasil); Débora Heloíse Galhardi (Departamento de Psicologia, Universidade Estadual de Maringá, Maringá-Paraná, Brasil); Adriana Barin de Azevedo (Departamento de Psicologia, Universidade Estadual de Maringá, Maringá-Paraná, Brasil).

contato: ra124828@uem.br

contato: ra124470@uem.br

**Palavras-chave:** Bolsonarismo. Servidão. Afetos. Psicologia. Subjetividade.

Rodrigo Nunes, em seu livro “Do transe à vertigem: ensaios sobre o bolsonarismo e um mundo em transição” (2022), escrito no período pandêmico logo após muitas polêmicas relacionadas ao então presidente Jair Bolsonaro, já previa que “aquilo que estamos vivendo tem raízes suficientemente profundas para que uma simples mudança de orientação política no topo não baste para mudar o que ocorre na base da sociedade” (Nunes, 2022).

Tal contexto nos instigou a estudar sobre o bolsonarismo, termo que vai muito além do indivíduo Bolsonaro, o qual inaugura uma dimensão afetiva única que incute em atitudes violentas e discriminatórias replicadas de maneira aparentemente automática e irreflexiva, quase que de modo atordoado, “em transe”. Buscamos entender como esse modus operandi foi produzido e como ele encontra respaldo em parte da sociedade brasileira, até mesmo por meio de uma submissão que aparece por meio de comportamentos prejudiciais para si e aos outros ao seu redor. Buscamos então, nesse estudo, analisar o contexto afetivo dos grupos bolsonaristas, a partir da discussão sobre o estado de servidão, apresentado pelos filósofos La Boétie e Baruch Espinosa e pelas contribuições de Marilena Chauí. Para isso buscamos investigar os aspectos da dimensão servil na subjetividade constituída através do pensamento conservador neoliberal disseminado pelo ex-presidente e explicitado por Nunes em seu livro. Procuramos compreender como a expansão dessa ideia impactou a sociedade e a levou à condição de servidão entendida, principalmente, pela teoria dos afetos espinosana.

## XII SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

21 a 22 de Março de 2024

A pesquisa adotou uma abordagem qualitativa, concentrando-se em uma investigação bibliográfica exploratória, sendo dividida em quatro etapas. Na primeira etapa, foi efetuada uma revisão bibliográfica nos bancos de dados de artigos científicos - especificamente o Google Acadêmico, Scielo e Pepsic - e utilizadas as palavras-chave “bolsonarismo”, “servidão”, “afetos”, “psicologia” e “subjetividade”, combinadas com o operador booleano “AND”. Enquanto nos bancos Scielo e Pepsic não foram encontrados artigos para o estudo, no Google acadêmico foram identificados 137 artigos com as cinco palavras chave descritas. Desses, 19 foram previamente selecionadas com base em seus resumos, resultando, no final, em apenas 7 artigos para composição final do trabalho. Em uma segunda etapa, foi efetuada a seleção de autores que abordam o tema do bolsonarismo e o conceito de servidão, simultaneamente à busca de discursos representativos do ex-presidente Jair Bolsonaro incluindo pronunciamentos oficiais em redes sociais e eventos, com o propósito de compreender as principais ideias presentes em seu discurso. Logo após, em um terceiro momento, definimos o que era o bolsonarismo a partir do autor Rodrigo Nunes e selecionamos as falas do ex-presidente que puderam auxiliar na compreensão da construção de uma subjetividade servil inaugurada pelo bolsonarismo. Na quarta e última etapa foi feita a relação entre o bolsonarismo e a servidão, buscando compreender como essa subjetividade é produzida de maneira passiva e quais afetos estão em jogo para sua produção, permitindo uma análise cuidadosa e crítica das principais ideias e conceitos relacionados ao tema.

A servidão voluntária, abordada em “Discurso sobre a servidão voluntária” (1549) pelo filósofo humanista La Boétie, é definida como o fenômeno em que as massas escolhem submeter-se voluntariamente a um tirano, apesar de sua aparente falta de força ou mérito. O pensador reflete sobre a natureza humana e questiona porque tantas pessoas aceitam servir a um líder opressor, mesmo quando não há uma coerção externa significativa. Ele destaca a contradição presente na submissão consciente das massas e lamenta a aparente falta de resistência das pessoas diante da tirania e instiga à reflexão sobre a importância da liberdade e da resistência contra a opressão. Para o autor, a servidão voluntária é uma expressão da fraqueza humana em ceder à autoridade. La Boétie sugere que se trata de desejar a liberdade para conquistá-la.

Essa análise da servidão voluntária serve como base para compreender as complexas relações entre governantes e governados, explorando as camadas desse fenômeno através das perspectivas de outros pensadores, como Baruch Espinosa e Marilena Chaui. Espinosa, filósofo racionalista do século XVII, aborda a temática da servidão em sua obra “Ética”, expandindo a reflexão iniciada por La Boétie. Para Espinosa (2015), a servidão está intrinsecamente ligada à impotência humana em modular os seus afetos, revelando a vulnerabilidade do sujeito diante das

## XII SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

21 a 22 de Março de 2024

forças externas. O autor afirma que os indivíduos que não conhecem os próprios afetos ficam expostos, à mercê do acaso, tornando-se seres alienados, contrariados, violentados e enfraquecidos pelas paixões tristes que emergem desse estado de impotência. É assim que ele vai definir a servidão: “Chamo de servidão a impotência humana para regular e refrear os afetos. Pois o homem submetido aos afetos não está sob seu próprio comando, mas sob o do acaso, a cujo poder está a tal ponto sujeitado que é, muitas vezes forçado, ainda que perceba o que é melhor para si, a fazer, entretanto, o pior.” (Espinosa, 2015).

A origem da servidão está relacionada à concepção do autor de que o indivíduo é uma parte finita inserida em uma potência infinita - nomeada por ele de substância ou Deus/Natureza. Nessa condição de finitude, o homem é afetado por todas as outras coisas que compõem a potência infinita dessa substância, sendo constantemente impactado por forças externas. Essa submissão, segundo Espinosa, aparece pelo conjunto de paixões que diminuem sua força de vida. O filósofo aprofunda a análise da servidão ao destacar que a ignorância sobre o que é benéfico ou prejudicial perpetua esse estado. Ele enfatiza a importância de compreender e avaliar os afetos, buscando entender o que é útil para aumentar a potência de agir e ser afetado de maneira alegre. A razão, nesse contexto, não é uma força que controla o corpo, mas uma guia que modera os afetos, permitindo ao indivíduo uma participação mais ativa nas relações. Para Espinosa, a libertação da servidão envolve a busca por bons encontros e o entendimento dos afetos como meio de ampliar essa potência de agir. A alegria, mais forte que a tristeza, torna-se um impulso para o desejo, alimentando o conhecimento e a virtude. A razão, ao agir em conjunto com o corpo, possibilita a dominação do acaso e a orientação das ações de acordo com princípios racionais. Assim, a liberdade, na visão espinosana, não se traduz na ausência total de paixões, mas na capacidade de conquistar uma parte ativa na dinâmica do acaso. Ser livre implica não ser meramente passivo frente aos acontecimentos, mas participar ativamente das relações, compreendendo e agindo de acordo com a própria condição de potência singular.

Levando em conta esse pensamento espinosano de que os seres humanos são controlados - até mesmo escravizados - por suas paixões e emoções e que o único caminho para se alcançar a liberdade seria por meio do conhecimento, do agir em sua máxima potência, refletimos sobre o que seria o bolsonarismo e qual seria o seu papel nesse contexto. A disseminação do pensamento conservador neoliberal e a utilização estratégica da desinformação destacam-se como elementos cruciais para compreender como esse fenômeno impacta a formação de uma subjetividade servil. Ao examinarmos a ascensão de Jair Bolsonaro à presidência do Brasil em 2018, observamos mudanças profundas na política do país, resultado da abordagem política

## XII SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

21 a 22 de Março de 2024

característica do bolsonarismo – uma mistura de conservadorismo e patriotismo cujo principal atributo é a desinformação. Essa, como estratégia política, fortalece crenças distorcidas que levam a sociedade, induzida por governos antidemocráticos, a agir de maneira prejudicial. Tal estratégia destacou-se como modo de manipulação e controle de opiniões, disseminando um modo de ser que já era construído desde antes, mas que foi impulsionado pela eleição de Jair Messias Bolsonaro, em 2018.

Considerando as ideias de Adorno e Marilena Chaui, conforme apresentadas por Maeso (2022), podemos entender como o bolsonarismo se mantém e utiliza estratégias de exclusão e discriminação para consolidar seu poder. O movimento político fundamenta-se na polarização da sociedade, alimentando um clima hostil contra grupos minoritários e ativistas de esquerda. Essa hostilidade atua como uma ferramenta para manter o apoio de sua base de eleitores, gerando um ambiente onde as diferenças são intensificadas, e qualquer crítica ao ex-governo é interpretada como uma traição à nação.

Os princípios disseminados pelo bolsonarismo abarcam a defesa da "família tradicional brasileira" embasada em valores patrióticos, liberais, negacionistas e discriminatórios. Essas contradições se tornaram evidentes, sobretudo ao confrontar esses valores com a realidade de eleitores que não se encaixam no modelo hegemônico proposto. O bolsonarismo se manifesta por meio de três discursos fundamentais: "militarismo policial", "anti-intelectualismo evangélico" e "empreendedorismo monetarista", categorias destacadas por Rodrigo Nunes como cruciais para compreender tanto a linguagem quanto o cenário emocional que permeia esse movimento.

O apoio à polarização é uma ferramenta para manter a coesão da base dos seguidores bolsonaristas, criando um ambiente propício para a propagação de notícias falsas. O culto ao líder, a tolerância à violência extrema e a falta de sensibilidade para com pessoas em situação de vulnerabilidade contribuem para sustentar essa dinâmica, configurando um comportamento apático e indiferente, característico do fascismo à brasileira. Tal estratégia do bolsonarismo reside na criação de um ambiente onde o sofrimento alheio não impacta emocionalmente seus seguidores, já que os outros são retirados do âmbito da humanidade. Isso, alinhado com a polarização política intensificada e a disseminação de discursos discriminatórios, cria um cenário em que a coerência é considerada inútil. A aceitação de informações sabidamente falsas torna-se mais simples do que abraçar perspectivas ancoradas nos fatos ou experiências seguras, evidenciando a complexidade da economia psíquica dos indivíduos envolvidos no bolsonarismo.

Essa ruptura na realidade brasileira, por meio das esferas do conhecimento, da política e sociedade contemporâneas, moldam um ambiente propício para a falsificação da vida,

## XII SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

21 a 22 de Março de 2024

dificultando a aceitação de verdades inconvenientes e contribuindo para a manutenção do poder bolsonarista. Desse modo, o cruzamento entre as ideias de servidão - conforme analisadas por Espinosa - e o bolsonarismo revela a intrincada teia de influências que moldam a subjetividade da sociedade brasileira contemporânea. Espinosa, ao associar a servidão à impotência humana em modular seus afetos, destaca a vulnerabilidade do sujeito às paixões tristes, proporcionando um quadro conceitual que nos permite entender a dinâmica do bolsonarismo. Esse contexto nos revela como o movimento político citado, por meio da submissão a um líder carismático, a disseminação de desinformação e a criação de um ambiente hostil, converge para moldar uma subjetividade servil na sociedade brasileira. A análise dessas interações proporciona uma compreensão mais profunda dos mecanismos psicológicos e sociais que sustentam o bolsonarismo, exercendo influência na identidade política e cultural do país.

### Referências

ESPINOSA, B. *Ética*. Tradução de Marilena Chaui. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2015.

LA BOÉTIE, É. de. *Contra a Servidão Voluntária*. Tradução de Marilena Chaui. São Paulo: Editora Brasiliense, 1982.

MAESO, B. Realidade fake, sofrimento real: o cidadão de bem bolsonarista neoliberal a partir do pensamento de Adorno e Chaui. *DoisPontos*, [S.l.], v. 19, n. 1, abr. 2023. ISSN 2179-7412. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/doispontos/article/view/85651>>. Acesso em: 11 dez. 2023

NUNES, R. *Do transe à vertigem: ensaios sobre o bolsonarismo e um mundo em transição*. São Paulo: Ubu Editora, 2022.